

**O MAL-ESTAR E ADOECIMENTO:
OS IMPACTOS DA PANDEMIA NA VIDA DOS/AS PROFESSORES/AS**

*Maria Izabel Alves dos Reis**

RESUMO: Este artigo trata-se do tema mal-estar e adoecimento e tem como objetivo analisar os impactos da pandemia por covid-19 na vida dos/as professores/as. O estudo parte de uma pesquisa bibliográfica e documental das produções sobre o tema. O período da pandemia demarca um momento na história da educação brasileira que modificou os modos de trabalho e ao mesmo tempo, trouxe impactos na vida dos/as professores/as. Os resultados deste estudo, apontam para os impactos relacionados à saúde, como o mal-estar e a síndrome de burnout fruto das condições de trabalho, como a intensificação e a precarização do trabalho ocasionadas pelo ensino remoto, alterando significativamente a vida destes profissionais.

PALAVRAS-CHAVE: Adoecimento; Ensino Remoto; Mal-estar; Pandemia; Síndrome de burnout.

DISEASE AND ILLNESS: THE IMPACTS OF THE PANDEMIC ON TEACHERS' LIVES

ABSTRACT: This article deals with the topic of malaise and illness and aims to analyze the impacts of the covid-19 pandemic on the lives of teachers. The study is based on bibliographical and documentary research on productions on the topic. The pandemic period marks a moment in the history of Brazilian education that changed ways of working and, at the same time, brought impacts on the lives of teachers. The results of this study point to health-related impacts, such as malaise and burnout syndrome resulting from working conditions, such as the intensification and precariousness of work caused by remote teaching, significantly altering the lives of these professionals.

KEYWORDS: Illness; Remote Teaching; Malaise; Pandemic; Burnout syndrome.

* Doutora em Educação pela Universidade Federal do Pará. Professora Adjunta da Universidade Federal do Pará.
E-mail: mariareis@ufpa.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7911-8922>

Introdução

Em março de 2020 no Brasil o isolamento social foi uma medida de distanciamento em virtude da Pandemia por Covid-19 causada pela Síndrome Respiratória Aguda Grave, altamente contagiosa que em questão de meses dissipou milhares de vida em todo o mundo, forçando os governos a tomarem medidas drásticas com a finalidade de conter a propagação do vírus, mas que ainda se encontra presente, sendo notificados diariamente casos de infecção pelo Portal Coronavírus Brasil (SUS 2024).

O ano de 2020, o mundo vivenciou cotidianamente um cenário de guerra, silenciosa e invisível, à exemplo da fome, mas que atravessou, atravessou todas as classes sociais e desse modo como não poderia deixar de ocorrer, o panorama econômico e social passou por diversas transformações, visibilizando com maior esgarçamento as debilidades, desigualdades e contradições do sistema do capital.

A pandemia por Covid-19 trouxe consequências em todos os campos da sociedade, neste sentido é possível a afirmação de que ela impactou em diversos atravessamentos da vida dos sujeitos/as em todo o mundo globalizado. O isolamento social, o trabalho remoto, o desemprego, as mortes e desestruturas de núcleos familiares, dentre outros, são algumas das consequências relevantes que muitos/as estudiosos/as ainda estão a se debruçarem em pesquisas, para que possamos entender o alcance dimensional que esse período da história acarretou para a humanidade.

Na área social muitas mudanças foram vivenciadas, saúde e educação foram campos afetados sobremaneira pela pandemia, principalmente os/as profissionais da saúde que estiveram e se encontram ainda na linha de frente com a doença no caso da educação escolar, o isolamento social acarretou alterações no cotidiano das famílias, dos/as alunos/as, na estrutura, organização do ensino, no trabalho e nos modos de vida dos/as professores/as. O governo federal através do Conselho Nacional de Educação (CNE) elaborou e apresentou diversos pareceres, alterações em leis para que pudessem servir de orientações para o trabalho em todos os níveis e modalidades de ensino, direcionando para as atividades pedagógicas não presenciais durante o período de pandemia.

De maneira sucinta, os documentos que nortearam as normas para educação escolar foram: as orientações do Parecer CNE/CP nº 5/2020, que trata da “reorganização do calendário escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da pandemia por Covid-19”; o Parecer CNE/CP nº 9/2020, que retomou essa temática, com o reexame do Parecer CNE/CP nº 5/2020; e no Parecer CNE/CP nº 11/2020, que apresenta as “Orientações Educacionais para a Realização de Aulas e Atividades Pedagógicas Presenciais e Não Presenciais no contexto da Pandemia”. Ambos os pareceres tiveram a finalidade de apoiar as redes de ensino a planejar e organizar as atividades escolares e pedagógicas durante a pandemia. A Lei nº 14.040 de 18 de agosto de 2020, estabeleceu normas educacionais excepcionais que deveriam ser adotadas durante a pandemia. A Resolução do CNE/CP nº 2, de 10 de dezembro de 2020 estabeleceu as normas educacionais excepcionais a serem adotadas pelos sistemas de ensino, instituições e redes escolares, públicas, privadas, comunitárias e confessionais (BRASIL, 2020).

Os pareceres e lei acima citados, tiveram relevância e força em todos os sistemas de ensino, cujo teor serviram de orientações para a Educação Básica e Ensino Superior. As medidas serviram para evitar a propagação da doença nas instituições, manter o ensino e diminuir os efeitos da pandemia no calendário escolar e para tal, utilizou o ensino remoto, mas também abrindo possibilidades de outros meios, desde que atendessem ao isolamento social e o processo de ensino e aprendizagem, dando autonomia para que os sistemas se organizassem de maneira a atender as especificidades de cada nível de ensino (BRASIL 2020).

O paradoxo das orientações, dizem respeito as condições concretas para as quais elas foram elaboradas, uma vez que o Brasil é um país de imensos contrastes, sociais, econômicos e culturais, o que dificulta pensar em uma única medida, como foi o caso do ensino remoto, dentro de comunidades que não tem nem mesmo o acesso à energia elétrica. E mesmo que os pareceres trouxessem uma análise das desigualdades sociais no país, os sistemas foram obrigados a aderir ao ensino remoto, seja utilizando a internet, rádios ou até mesmo o envio de atividades para os/as estudantes em virtude do calendário letivo.

Para Oliveira “o contexto da pandemia colocou em evidência e aprofundou as conhecidas desigualdades sociais e educacionais que o país historicamente comportou” (2020, p.39). Tais desigualdades evidenciaram a situação de acesso não apenas dos/as estudantes, mas dos/as professores/as às Tecnologias de Informações, ao mesmo tempo que aprofundou a evasão escolar, as distorções idade série, uma vez que não foi possível garantir o acesso a todos ao ensino.

De acordo com o relatório do resumo técnico do censo escolar de 2021 em pesquisa suplementar sobre o período da pandemia, realizada com 168.739 escola, desta totalidade 99,3% entre escolas públicas e privadas, urbanas e rurais afirmaram suspensão das atividades, de acordo com o resumo, as ações adotadas por escolas e secretarias de educação foram: “a reorganização/adaptação do planejamento/plano de aula com priorização de habilidades e conteúdos específicos (90,4%) e a realização de reuniões virtuais de planejamento, coordenação e monitoramento das atividades (89,6%)” (BRASIL, 2022, p. 60).

O censo escolar de 2021 mostrou resultados negativos para a educação básica, desvelando que a taxa de abandono no ensino médio subiu para 5%, e que as regiões mais pobres os índices de abandonos foram maiores na região Norte, cuja taxa de abandono aumentou em 10%, ultrapassando a média nacional (BRASIL, 2022), esses dados mostrou as sequelas do período pandêmico para o ensino.

No caso dos/as professores/as o isolamento social como uma ação de controle da pandemia causou inúmeros abalos psicológicos, como a ansiedade, depressão e o cotidiano de adoecimentos entre os familiares, amigos etc, gerou tensões e desgates que comprometeram significativamente a vida dos/as professores/as.

O trabalho na área dos/as professores/as antes, durante e após a pandemia é um fenômeno preocupante, em virtude tanto do mal-estar docente, quanto dos processos de adoecimento que estão se evidenciando no cotidiano escolar, principalmente em um contexto pandêmico e pós-pandêmico.

Ao poderarmos sobre o adoecimento dos/as professores/as é necessário problematizar o contexto educacional, a realidade em que as escolas encontram-se inseridas que oriente um olhar sobre as condições de trabalho dos sujeitos que ali se encontram. Trata-se de analisar a totalidade das condições de trabalho e como elas contribuem para processos de adoecimentos e mal-estar que assolam as escolas e que afetam o cotidiano de trabalho, uma vez que os afastamentos, as ausências retiram professores e professoras da sala de aula, impactando nos processos de ensino e aprendizagem. Para Reis “o adoecimento dos/as professores/as torna-se cada vez mais uma presença na escola sendo, portanto, uma temática que está na ordem do dia, em debates e pesquisas acadêmicas” (2014, p.17).

Os problemas relacionados à qualidade de vida dos professores/as ganham cada vez mais relevância, pois em certa medida, verifica-se que vêm se acentuando as consequências negativas para a vida dos profissionais do ensino, emergindo o questionamento: quais as consequências da pandemia por Covid-19 na saúde dos/as professores/as?

A metodologia de investigação seguiu a orientação dos pressupostos da pesquisa qualitativa e para tal, utilizou-se de análise documental e o estudo bibliográfico com a consulta de registros teóricos em livros, periódicos científicos e materiais disponibilizados na internet, empregando os fundamentos da análise de conteúdo (BARDIN 2010) como técnica de tratamento das informações com a finalidade de compreender o objeto de estudo.

A realidade é um complexo contraditório e para se conhecer um objeto na sua totalidade é necessário sair do mundo da aparência e penetrar no real, naquilo que está por trás dos fatos, por isso a realidade aparente em um campo de conhecimento precisa ser analisada e apreendida nos aspectos históricos e sociais. De acordo com Kosik (2002), mais que a aparência o pesquisador precisa olhar a realidade e ir além da aparência que em um primeiro momento se apresenta sempre distorcida e longe da realidade concreta. A transformação da realidade dá-se através do conhecimento e a dialética é uma possibilidade, dentro da lógica do pensamento crítico, não apenas de se conhecer, mas também transformar essa realidade. De acordo com os estudos de Ciavatta (2001) a análise dos objetos parte de uma análise de reconstrução histórica e isso significa ponderar que ao relacionarmos os processos de adoecimentos e mal-estar vivenciados pelas categorias de professores/as em um determinado contexto histórico e social, é necessário a compreensão que a dimensão desses processos são complexos e determinados por muitos fatores internos e externos que afetam os sujeitos na sua concretude.

A pandemia trouxe para a categoria de/as professores/as muitos desafios profissionais e consequências a saúde mental e física, necessitando ainda da compreensão de como as condições de trabalho, aliado ao período de isolamento social, afetou/a esta categoria de trabalhadores/as. Entender o movimento e as contradições do trabalho realizado por professores/as e os processos de mal-estar e adoecimento é compreender que múltiplos fatores podem corroborar para o adoecer e que sofrimento e desgastes mentais, são processos que se relacionam as determinações que podem ser de ordem econômicas, sociais, biológicas em um movimento de constante devir (CIAVATTA, 2001).

Para enveredar pela temática, este artigo encontra-se estruturado em seções: na primeira trataremos dos impactos que a pandemia causou na organização, nas condições de trabalho e adoecimento dos trabalhadores e na segunda, abordaremos sobre o mal-estar e adoecimento entre os professores e professoras da educação básica.

A pandemia por Covid-19 e os impactos na organização, condições de trabalho e adoecimento do trabalhador

O modo de existir de homens e mulheres está intimamente ligado ao trabalho, a identidade se constrói em parte, pela profissão que os identifica no mundo do trabalho, e por outro lado, trabalho é a própria expressão da condição humana, absorvendo grande parte da vida madura do indivíduo e que impacta em todas as dimensões da vida: física, afetiva, intelectual e espiritual. O trabalho exige, de homens e mulheres, uma série de esforços e renúncias, tornando-se uma obrigação para a inserção na sociedade e muito mais para a sua subsistência, sobretudo no modo de produção capitalista.

Uma análise do mundo do trabalho no contexto pandêmico, notou-se que houve um aguçamento dos processos de intensificação, precarização e flexibilização do trabalho no modo de reestruturação produtiva do sistema do capital (ALVES 2010, ANTUNES 2020). Esses processos há muito vêm sendo investigados por autores como Alves (2010), Antunes (2006) que trazem para o debate o mundo do trabalho e as modificações e reordenações que propiciaram a transformação da lógica do trabalho, ao mesmo tempo que provocaram a reestruturação, a precarização e intensificação do trabalho, resultando em diminuição da mão-de-obra e surgimento de uma classe-que-vive do trabalho, de acordo com Antunes (2006). A exploração do trabalhador, a expropriação de sua identidade, enquanto classe trabalhadora, submete o trabalhador a toda forma de exploração e a subjetividade, passa a ser subjugada com técnicas, onde o trabalhador acaba por aceitar as condições de trabalho que lhes são impostas. Neste sentido, a complexidade envolta do trabalho no período pandêmico nos impõe uma reflexão sobre o trabalho e como ele se configura na atualidade nos levando a repensar as relações complexas que hoje são estabelecidas no mundo do trabalho e como elas impactam a vida dos trabalhadores, especialmente quando se trata da saúde.

Dados sobre a saúde dos trabalhadores de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2022), somente no primeiro ano da pandemia a prevalência de ansiedade e depressão aumentaram em 25% na população mundial, sendo o segmento mais afetados foram as mulheres e jovens “Solidão, medo de se infectar, sofrimento e morte de entes queridos, luto e preocupações financeiras também foram citados como estressores que levam à ansiedade e à depressão” (OMS, 2022, s/p).

É necessário reconhecer que o trabalho também pode ser fonte de adoecimentos, uma vez que as condições de trabalho, que estão relacionadas desde o ambiente, as jornadas de trabalho, salários etc., organização do trabalho impactam na saúde. Dejours (1992) aponta que a organização do trabalho

impacta na carga psíquica do trabalhador, causando sofrimento à medida que o contexto do trabalho, a forma como está organizado, e principalmente quando não atende as perspectivas do trabalhador, se distanciando dos objetivos de vida. No cenário do mundo do trabalho na pandemia e na pós-pandemia, o uso das tecnologias submeteram os trabalhadores a processos de adoecimento físico e mental, uma vez que as condições de trabalho, não conseguiu acompanhar toda essa evolução tecnológica, muito pelo contrário, postos e mão-de-obra foram diminuídas, o trabalho distanciou os trabalhadores entre si, a carga de trabalho continuou aumentando e os salários continuaram muito aquém daquilo que deveria/ deve ser proporcionado aos trabalhadores.

O cenário acima, demonstra a quão catastrófica foi e está sendo o período pandêmico e pós-pandêmico para os trabalhadores e trabalhadoras, se antes a reestruturação produtiva já se colocava como altamente perigosa a sobrevivência da classe-que-vive-do-trabalho, hoje alimentada pela pandemia com o aumento das taxas de desemprego, a divisão sexual do trabalho, o trabalho morto em detrimento do trabalho vivo, ameaça a sociabilidade humana e amplia o fosso das desigualdades sociais, aumentando a discriminação de gênero e raça, de acordo com Antunes (2020).

Mal-estar e adoecimento dos/as professores/as no período pandêmico

O trabalho dos/as professores/as ao longo dos últimos anos, vem sendo analisado em seus múltiplos aspectos e conforme as funções por ele assumidas ou levadas a assumir (OLIVEIRA, 2022; MAUÉS, 2006; CODO, 2006), então, pensar hoje esse trabalho é, antes de tudo, redefinir o papel desse profissional que passou a ser central para as mudanças implementadas nas políticas educacionais em sintonia com o ideal neoliberal da sociedade capitalista vigente, assim a compreensão dessas relações com o contexto do trabalho desenvolvido no cotidiano da escola e o trabalho dos/as professores/as, constituem-se em um desafio, tendo em vista a complexidade em que os atores envolvidos encontram-se.

O contexto de trabalho dos/as professores/as das escolas públicas na educação básica, já é denunciado há muitos anos, em que as condições de trabalho, salários, formação adequada, as estruturas físicas das escolas, situam a intensificação e precariedade no trabalho e, ao lado dessas condições, a situação econômica, sociais dos/as alunos/as usuários da rede pública de ensino, cujo acessos as ferramentas tecnológicas e internet são limitadas, ou mesmo sem acesso, essas condições tem peso elevado, quando se analisa o período pandêmico e os impactos no trabalho e na vida dos/as professores/as.

Os estudos sobre os mal-estar e adoecimento dos professores desde os anos de 1990 já se faziam presentes no cenário educacional brasileiro, estudos realizados por grupos de pesquisas, programas de pós-graduação no país, já davam conta de dados sobre o aumento de abandonos e adoecimentos de professores em todos os níveis de ensino. Essa problemática torna-se mais complexa e desafiadora

quando contextualizada no período pandêmico, em que as atividades de ensino presencial passaram para o ensino remoto, exigindo novas configurações do trabalho, principalmente no uso das tecnologias e adequações do espaço-casa e trabalho, estilhaçando a linha tênue entre o ensino e o cuidado, propiciando o aumento da carga de trabalho dos professores/as. Neste contexto, em que se passou a exigir habilidades e competências em curto espaço de tempo, com a gravidade de pouca ou nenhuma formação na utilização das ferramentas tecnológicas, como uso das plataformas digitais, organização de aulas virtuais e para além disso, o acesso aos instrumentos, como computadores e a internet foram problemáticas para o trabalho dos/as professores/as causando sérios problemas de saúde física e mental.

Em pesquisa realizada pela Secretaria de Saúde dos Trabalhadores em Educação de Santa Catarina/SINTE-SC com 1357 participantes, desvelou dados relevantes para se pensar a saúde dos professores na pandemia. Na pesquisa os agravos relacionados à saúde nos relatos apresentados foram o seguinte: 62% apontaram relatos de comprometimento com a saúde mental, seguidas de 56,7% de dores osteoarticulares, doenças do aparelho digestivo aparecem com 35,7%. Diante do quadro:

É possível perceber, partindo da autopercepção dos professores, que aspectos relativos à saúde mental são muitíssimo frequentes e atingem o esgotamento mental, a solidão e, de modo geral, a insegurança como aspectos que agora fazem parte da vida dessa categoria profissional de forma majoritária (SINTE-SC 2020, p.21).

Sobre as questões relacionadas a saúde mental, a pesquisa corrobora com os dados apresentados pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2022), que aponta elementos estressores que levaram a depressão e ansiedade, como a solidão, sofrimento e morte de entes queridos. De acordo com a pesquisa pelo Grupo de Estudos sobre Políticas Educacionais e Trabalho Docente da Universidade Federal de Minas Gerais (Gestrado/UFMG), realizada durante o período da pandemia, as condições de trabalho, como a intensificação, a sobrecarga, as dificuldades no uso das tecnologias para o ensino a distância, assim como as novas condições que agregaram ao trabalho dos/as professores/as “Essa situação tem sido fonte de sofrimento para os docentes, somada aos receios e angústias que se relacionam diretamente com o contexto da pandemia e a insegurança em relação ao futuro” (OLIVEIRA 2020, p. 35).

Elementos que até então atravessavam a análise sobre a vida dos/as professores/as como, lazer, trabalho doméstico, passam a fazer parte, mas em situação que vão denotar novas reconfigurações diante do trabalho remoto, como a falta do estabelecimento dos limites entre o lazer e trabalho, o uso do espaço doméstico como espaço de trabalho, o aumento das responsabilidades em casa com cuidado, desse modo, esses elementos contribuíram no período de isolamento social com o aumento do mal-estar entre os/as professores/as e com ele, o adoecimento mental.

Entendemos, que cada vez mais torna-se necessário o conhecimento e o entendimento acerca da relação trabalho, saúde e doença no campo da educação, e mais especificamente no cotidiano dos/as professores/as, decerto que esta relação é complexa, visto que engloba diversos fatores, como ambiente e condições de trabalho, salários, dentre outros, que nem sempre estão ligados diretamente entre si. A

concepção de saúde é compreendida não apenas como um fenômeno físico, mas, também, como psíquico e social, em concordância com Minayo (1998, p. 233), quando a mesma refere que:

Saúde e doença são fenômenos sociais não apenas porque elas expressam certo nível ou porque correspondem a certas profissões e práticas. Mas também porque elas são manifestações da vida material das carências dos limites sociais e do imaginário coletivo [...] elas são frutos de condições dadas, mas são também produtos de sua ação transformadora sobre o meio social.

Historicizando a profissão docente a partir das condições de trabalho, foi nos anos 1990 no Brasil que o trabalho dos/as professores/as passou a ter maiores espaços nas discussões e pesquisas sobre o abandono, o mal-estar e o adoecimento deste trabalhador, no entanto estas questões já se faziam presentes nas produções acadêmicas na década de 1980 nos países europeus, como França e Reino Unido. Esteves (1999) foi um pesquisador que trouxe para o campo educacional as discussões sobre o mal-estar docente e os impactos no trabalho dos/as professores/as, apontando que esse sintoma acomete uma grande parcela dos professores, e tem a ver com certo desconforto que estes experimentam no exercício diário de seu trabalho dentro da escola, fazendo com que criem mecanismos de fuga, como ausência ao trabalho e adoecimentos como estresse, Burnout etc.

Sobre o mal-estar docente Guimarães (2021) em pesquisa com os/as professores/as da rede estadual do Paraná, afirma que este sintoma foi agravado com a sobrecarga de trabalho, e “pelo sentimento de incapacidade no uso obrigatório dos novos recursos tecnológicos impostos pela pandemia, aumentando ainda mais a frustração frente às políticas de precarização” (p72). Ponderamos que o mal-estar é um sintoma invisível, pois não aparece à primeira vista ou de imediato, mas quando externalizada, traz consigo muitos danos, não apenas à saúde dos/as professores/as, mas a todo o conjunto da instituição da qual ele faz parte. Em razão das mudanças ocorridas no mundo do trabalho às quais os/as professores/as não estão alheios e sentem os reflexos dessas transformações, colocam em jogo o bem-estar psicossocial dos mesmos, visto que diz respeito a precarização e intensificação do trabalho, os arrochos salariais, às perdas de direitos trabalhistas, dentre outros.

Existe uma erosão nas condições de trabalho, onde a jornada e a sobrecarga de trabalho aumentaram na categoria de professores/as, o desgaste físico e mental no período da pandemia tendo como fatores o isolamento e o trabalho remoto que resultou em mal-estar, ocasionado tanto pelo trabalho, como pela própria adequação ao uso da tecnologia. Para Ramos (et al, 2023).

[...] uma vez que as TIC se configuram como ferramentas importantes na execução de muitas atividades do trabalho, o acesso a elas e o modo como os professores tiveram que se apropriar de novos recursos podem ser considerados como fatores influentes no desenvolvimento do burnout (p. 33).

O estresse está relacionado à síndrome de burnout, que se configura como um conjunto de sintomas e sinais clínicos, resultados de uma ou mais causas, que de acordo com a Classificação Internacional de Doenças (CID Z 73.0), é identificada como “esgotamento” (TUOTO, 2007 s/p), sendo muito complexo o diagnóstico, pois engloba primeiramente um intenso processo de depressão que o

trabalhador enfrenta diante das condições objetivas de sua atividade laboral.

Se situarmos as grandes transformações e impactos causados pela pandemia por Covid-19 que vem acarretando consequências para a vida dos/as professores/as, como intensificação e precarização do trabalho podemos deduzir que eles/as ficaram vulneráveis e com perda das energias ao sentimento de impotência com relação ao seu trabalho, acresce o sentimento de desmotivação e estado de exaustão. Isto advém, em parte, do próprio papel que os/as professores/as passam a assumir na sociedade, da expectativa de respostas, soluções e reponsabilização aos problemas que atingem crianças, jovens e adulto, somatizados ao período de isolamento social.

A exaustão passou a ser reconhecida na literatura médica como Síndrome de Burnout e, de acordo com Carlotto (2002), trata-se de um estresse ocupacional causado por esgotamento na relação com o trabalho, o profissional se sente sem energia para desenvolver suas atividades cotidianas, no caso dos professores, o contato direto com os/as alunos/as, as interações no trabalho, são expostos a situações de esgotamento, pois o ensino como atividade de interações humanas, ocasiona forte impacto na vida dos/as professores, no caso do ensino remoto com todas as suas características, acarretou sobrecarga de trabalho, contribuindo, assim, para um maior desgaste físico e emocional deste profissional e por outro lado, isso significou o aumento nas demandas do trabalho mas, em contrapartida, isso não se deu com a qualidade de vida dos/as professores/as. De acordo com, Feuerharmel; Limberger:

As relações entre a dificuldade de adaptação ao meio digital, sobrecarga de trabalho e a sensação de angústia são características que se entrelaçam e se reforçam, proporcionando sofrimento psíquico e não acolhimento à classe docente, num momento de dificuldade e grandes mudanças no ensino 2020, p. 4).

Compreender a relação saúde e adoecimento, significa olhar para as múltiplas determinações que estão em jogo, pois o adoecer é uma resposta do organismo para determinadas situações de exposição do organismo a agentes internos e externos, que vão desde os sistemas biológicos, como as relações estabelecidas na organização do trabalho.

Sobre o mal-estar docente, figura no cenário de trabalho dos/as professores/as como Manuel Esteves (1999, p. 144), apontava como “uma doença social”, causado por diversas situações vivenciadas no contexto educacional, que ocasionam para os/as professores/as isolamentos, angústias, desmotivações, desvalorização e falta de apoio pela sociedade de maneira geral e que na escola é visibilizado por meio da depressão, estresses e burnout. Na pandemia essa situação aumentou, e que hoje nos coloca com inúmeros desafios de ir de encontro deste cenário e buscar formas de buscar alternativas para contornar esse contexto difícil na vida de professores e professoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia ocasionou aos/as professores/as novas formas de organização no trabalho, confrontando saberes, competências e habilidades para lidarem com as demandas tecnológicas, assumindo lugar no cotidiano escolar, desafiando as práticas tradicionais e revolucionando os modos de ensino e aprendizagem, no entanto, foi fonte de exaustão emocional, rompeu as barreiras do trabalho nas escolas, com o trabalho remoto dentro do espaço doméstico.

Em virtude do período pandêmico e o isolamento social, o trabalho remoto percebeu-se uma relação estreita com o mal-estar e processos de adoecimentos na categoria de/as professores/as, tendo como principal fatores a intensificação e precarização do trabalho, como resultado de maior empenho físico, mental e psíquico no desenvolvimento cotidiano do trabalho. Evidenciou-se ainda que o processo de intensificação se deu também pelo trabalho doméstico realizado em casa junto com o trabalho remoto, e com a intensificação, observou-se que o processo de precarização do trabalho decorreu da existência de sobrecarga de trabalho, de maiores exigências, da perda do controle sobre do trabalho, incidindo sobre a autonomia no trabalho, diante desses processos verificou-se como consequências, o desgaste, o cansaço, a pouca satisfação, implicando em mal-estar, a síndrome de burnout e outros adoecimentos.

As principais denúncias acerca do agravamento na saúde dos/as professores/as, indicadas pelas pesquisas no período da pandemia, foram relacionadas às condições de trabalho e demonstram que tanto a precarização quanto a intensificação têm sido indicadas como geradoras de adoecimentos e de ma-estar, em função dos/as professores/as precisarem mobilizar as capacidades físicas, cognitivas e emocionais, o que acaba por gerar esforços ou uma sobrecarga de energia física-mental-emocional, comprometendo e causando danos à sua saúde.

É necessário um olhar mais atento as condições de trabalho, que antes do período pandêmico já causava agravos a saúde física e mental dos/as professores/as, e que a pandemia veio visibilizar o mal-estar e adoecimentos nesta categorias, o que requer políticas educacionais que coloquem a qualidade de vida dos/as professores/as como central também para a qualidade do processo de ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ALVES, Giovanni. **O novo (e precário) Mundo do Trabalho: Reestruturação produtiva e crise do sindicalismo**. São Paulo. Boitempo. 2010. ISBN. 978-85-85934-58-3

ANTUNES, Ricardo. A era da informatização e a época da informalização: riqueza e Misériado trabalho no Brasil. IN. ANTUNES. Ricardo (ORG) **Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil**. São Paulo Boitempo. 2006. 528p. ISBN 85-7559-083-9.

_____. **Coronavírus: o trabalho sob fogo cruzado**. Boitempo Editorial, 2020.

APPLE, M.W. **Trabalho docente e textos: economia política das relações de classe e degênero em educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2005.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições; 1986. BENEVIDES-PEREIRA (org.). Ana Maria T. **Burnout: quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador**. São Paulo. Casa do Psicólogo. 2002.

BRASIL. Portal Coronavírus. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/> Acesso em: 10 set. 2023.
_____. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CP nº 5/2020**. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. Brasília, DF: MEC, 2020.

_____. Ministério da Educação. **Resolução do CNE/CP nº 2/2020**. Disponível em: <https://abmes.org.br/legislacoes/detalhe/3386/resolucao-cne-cp-n-2-2020> Acesso em: 10 Fev. 2023.

_____. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CP Nº: 9/2020**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/junho-2020-%09pdf/147041-pcp009-20/file> Acesso em: 10 Fev. 2023.

_____. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CP nº 11/2020**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pec-g/33371-cne-conselho-nacional-de-educacao/85201-parecer-cp-2020> Acesso em: 10 Fev. 2023.

_____. **Lei nº 14.040, de 18 de agosto de 2020** Estabelece normas educacionais excepcionais a serem adotadas durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020; e altera a Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/114040.htm Acesso em: 15, fev, 2024

_____. Ministério da Educação. **Portaria nº 343, de 17 de março de 2020**. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. Disponível em: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>.

_____. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Resumo Técnico: Censo Escolar da Educação Básica 2021**. Brasília, DF: Inep, 2021. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_escolar_2021.pdf. Acesso em: 20 de mar. 2024

BRAVO, Maria Inês. **Política de Saúde no Brasil**. In: MOTA. Ana Elizabete [et al.], (orgs). Serviço Social e Saúde: Formação e Trabalho Profissional. São Paulo; Ed. Cortez. Brasília. DF: OPAS, OMS, Ministério da Saúde, 2009.

CARLOTTO, Mary Sandra. **Síndrome de Burnout e o trabalho docente**. Psicologia em Estudo, Maringá. V.7, n. 1, p. 21-29, jan/jul. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v7n1/v7n1a03.pdf>. Acesso em ago.2011.

CIAVATTA, Maria. O Conhecimento Histórico e Problema Teórico-Metodológico das Mediações. IN. FRIGOTTO. Gaudêncio. CIAVATTA. Maria. **Teoria e Educação no Labirinto do Capital**. Ed. Vozes. 2º Edição. 2001. p. 130-154.

CODO, Wanderley. (Org) **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis. Ed. Vozes. 2006.

DEJOURS, Christophe. **A Loucura do trabalho: estudos de psicopatologia do trabalho**. Tradução de Ana Isabel Paragay e Lúcia Leão Ferreira. 5. ed. Cortez: São Paulo, 1992. ISBN 978-85-249-01101-0.

ESTEVE, J.M. **O Mal-estar Docente: a sala de aula e a saúde dos professores**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

FEUERHARMEL, L. D. DE S.; LIMBERGER, V. **Trabalho Docente na Pandemia: uma análise a partir de reportagens em mídia digital**. Anais da Jornada Acadêmica do Programa de Pós-graduação em Educação da Unisc, 2020. Disponível em: <https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/jornacad/article/viewFile/20894/1192613002> Acesso em: Dez. 2023.

KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto**. 7. ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro. 2002. 250p. ISBN85-219-0442-8

REIS, Maria Izabel Alves dos. **O adoecimento dos trabalhadores docentes na rede pública de ensino de Belém-Pará** / Maria Izabel Alves dos Reis. - 2014. Disponível em: https://ppgedufpa.com.br/bv/arquivos/File/d14_mariaizabel.pdf Acesso em: Dez. 2023.

MAUÉS, Olgaíses. **Profissão e trabalho docente em tempos de reforma da educação superior**. In: 10/18/2010.

MENDES, Márcia Aparecida. **Mal estar docente: uma pesquisa com professores de Uberlândia**. **Revistas Olhares e Trilhas**. V. 04 n. 04. 2003. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/olharesetilhas/article/view/3574> . Acesso em 05. Jun. 2012.

MINAYO, Maria Cecília. S. **O desafio do conhecimento – Pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec/Abrasco. 1998.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. **Condições de trabalho docente e a defesa da escola pública: fragilidades evidenciadas pela pandemia**. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/180037> . Acesso em: fev. 2024

Organização Mundial da Saúde (OMS). **Mental Health and COVID-19: Early evidence of the pandemic's impact** Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/2-3-2022-pandemia-covid-19-desencadeia-aumento-25-na-prevalencia-ansiedade-e-depressao-em> . Acesso em: fev. 2024

RAMOS, Daniela Karine (et al). **Professores na pandemia: fatores e condições associados à Síndrome de Burnout**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/TzVN5KzbW4vqPG5Hq8ksFTL/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: Fev. 2024.

SELIGMAN-SILVA, Edith. **Trabalho e Desgaste Mental: o direito de ser dono de si mesmo**. São Paulo. Cortez. 2011. ISBN: 978-85-249-1756-1

SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO. **A saúde do profissional da educação em tempos de pandemia e trabalho remoto**. Disponível em: <https://sintesc.org.br/files/1081/caderno%20pesquisa%20saude.pdf> . Acesso em: Fev. 2024.

TUOTO, E. A. **"Síndrome de Burnout."** In: **História da Medicina** Dr Elvio A Tuoto (Internet). Brasil, 2007. Disponível em: <http://historyofmedicine.blogspot.com/2007/12/sndrome-de-burnout-ou-sndrome-do.html> . Acesso em: 20 de mar. 2013.

*Recebido em: 21 de março de 2024.
Aprovado em: 06 de junho de 2024.*